

100% VIDA LOKA / 100% VIDA: O APAGAMENTO DE UMA PALAVRA

EMANUEL ANTUNES DOS SANTOS¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – emanuel.a.santos010@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – claumattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Durante uma oficina de *graffiti* em 2019, em uma escola municipal de Pedro Osório (RS), aconteceu um fato interessante o qual este resumo expandido aborda. O objeto de análise deste trabalho aconteceu na oficina de *graffiti*, ministrada pelo artista Guilherme Nunes (Guinr) e o pesquisador (Lobo), foi o apagamento de uma palavra na intervenção de um dos estudantes que participaram da oficina. A palavra que foi apagada em questão é a palavra “Loka”, da gíria “100% Vida Loka” (Figura 1), que um dos participantes escreveu na parede usada para as práticas.

Figura 01 - Antes e depois da intervenção dos alunos na oficina



Fonte: Acervo do pesquisador.

Não se sabe ao certo o motivo do apagamento da palavra. O que se conhece são apenas relatos de alguns funcionários da escola. Ao entrar em contato com a escola para o desenvolvimento de outro trabalho fiquei sabendo do ocorrido. Pelo o que me foi dito, alguns pais não concordaram com o tipo de expressão utilizada pelo estudante em sua prática, o que teria sido acatado pela direção da instituição.

A intenção do texto é a de refletir acerca dos motivos de tal atitude e pensar sobre como o apagamento de uma palavra pode mudar totalmente o conceito original proposto pelo estudante, além de excluir sumariamente a sua cultura e vivência, assim como acontece num ato de censura. É importante sinalizar que esse evento foi o disparador para o projeto de pesquisa “ Bombardeando ideias: contribuições do graffiti na educação em artes para formação de vínculo dos estudantes com a escola ”, em desenvolvimento na linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética, do Programa de Pós-Graduação em Artes, desta universidade, no nível Mestrado. Ele também se vincula à investigação “Do Pincel ao Píxel: sobre as (re)apresentações de sujeitos/mundo em imagens”, vinculada ao PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPEL/CNPq).

2. METODOLOGIA

A pesquisa é amparada na metodologia autobiográfica, pois se estrutura na experiência de vida do pesquisador. Isso, pois acreditamos que as práticas pessoais são atravessadas por vivências que trazem à tona questionamentos significativos. E essas, por sua vez, são fundamentais para refletirmos sobre nossas práticas como coletivo e repensá-las com o objetivo de problematizar a noção do *status quo*:

ressaltando que ao investigar o campo da autobiografia refiro-me a “abordagens feministas e decoloniais que desafiam a noção de sujeito universal, unificado, coeso e linear. Falar de si, aqui, pressupõe estabelecer diálogos e considerar contextos. Tomo a autobiografia, portanto, como campo narrativo dialógico, criticamente situado e em constante transformação”. (Rodrigues, 2017a, p. 237).

A atividade da oficina se deu de maneira experimental, mediada pelos ministrantes da oficina. Em um primeiro momento foi abordado questões estéticas do *graffiti*; que se trata de uma arte de livre expressão, que é realizada no ambiente urbano. Posteriormente mostramos para os participantes o funcionamento do spray e os fundamentos básicos para realizar uma pintura ou desenho com spray, para depois deixarmos os estudantes livres para realizar suas intervenções.

A prática experimental proporcionou um momento de livre expressão, o que ocasionou uma série de resultados diversos em um só trabalho. O conjunto manifesta a presença de diferentes símbolos que habitam o imaginário dos participantes da oficina.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na cultura do *graffiti*, existem alguns nomes para determinadas práticas, como por exemplo: o *bombing*, que é o ato de espalhar sua arte pelas ruas da cidade o máximo possível. Quando um outro artista de *graffiti*, faz um *bombing* sobre outro já existente, chamamos de “atropelo”. E esse ato não é bem visto na cultura do *graffiti*.

O que aconteceu no trabalho realizado na escola foi um “atropelo”, pois a intervenção de um estudante foi “atropelada” pela própria escola. Isso, com a justificativa de que a intervenção realizada durante a oficina não era adequada ao ambiente escolar, pois poderia gerar uma má influência para a comunidade escolar.

Um simples ato, resultante de um desenho realizado em uma oficina na escola, nos mostra como o ambiente escolar reage acerca daquilo que desconhece, acerca das vivências particulares de seus estudantes. A atitude da escola pode ser considerada como um ato de censura. O termo “100% Vida Loka” foi substituído pelo termo “100% Vida”.

Luciana Leão (2011, p.181) nos diz que “O discurso é o efeito de sentidos entre sujeitos interpelados pela ideologia, chamados por dizeres não apreensíveis no engano da obviedade”. Nesse sentido, é possível considerar que o apagamento da palavra “Loka” muda totalmente a conotação original do termo, mascarando ou maquiando o discurso trazido pelo estudante, para que, assim, ele seja aceito pela comunidade escolar.

Escrever na escola “100% Vida Loka”, é trazer para discussão o dialeto das ruas, que se relaciona ao olhar de quem está à margem da sociedade, acompanhando o caos que é velado por fronteiras sociais delimitadas por classe social. O termo é evidenciado nas músicas Vida Loka pt1 (2002) e Vida Loka pt2 (2002), escritas por Mano Brown, do grupo Racionais MC's. Esse é um termo muito usado em músicas de Rap, sendo título de artistas importantes para o cenário brasileiro e também do Pop através da cantora Iza, na sua música “Dona de mim”(2018).

4. CONCLUSÕES

Dessa maneira concluo, que a prática realizada em 2019, numa escola municipal de Pedro Osório, abriu caminhos para reflexões acerca da maneira como estudantes, que habitam a margem social, são vistos pela comunidade escolar. O que me leva a realizar a investigação em curso no PPGArtes, com o objetivo de entender mais profundamente questões que acontecem no ambiente escolar. Talvez elaborando métodos de ensino mediados por técnicas desenvolvidas por artistas de graffiti, seja possível ampliar as discussões. E é isso que estou planejando como metodologia da pesquisa em desenvolvimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, L. L. MICHEL PÊCHEUX E A TEORIA DA ANÁLISE DE DISCURSO: DESDOBRAMENTOS IMPORTANTES PARA A COMPREENSÃO DE UMA TIPOLOGIA DISCURSIVA. **Linguagens - Estudos e Pesquisas** v.15, n.01, p. 171-182, 2011.

PEREIRA, E. A. A FALTA, O EXCESSO E O ESTRANHAMENTO NA CONSTITUIÇÃO/INTERPRETAÇÃO DO CORPUS DISCURSIVO. in: **IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**. Porto Alegre, 2009

RODRIGUES, M. A. A. Pesquisa autobiográfica em arte: apontamentos iniciais. **Revista Nós: Cultura, Estética & Linguagens**. v.6, n.1, p. 95-119, 2021.